



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

REGISTO BIBLIOGRÁFICO

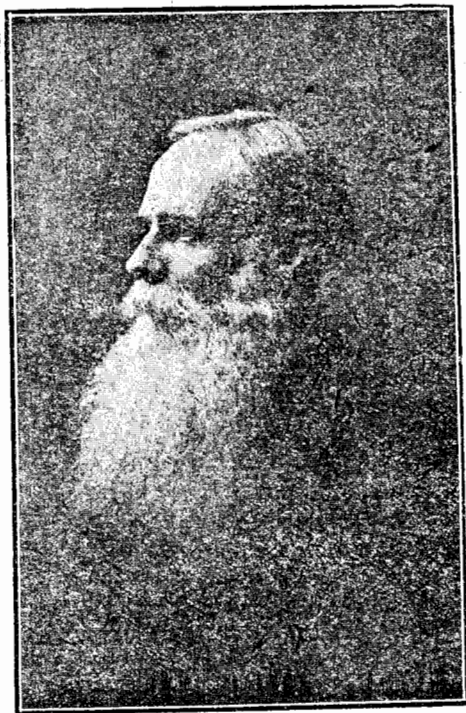
Dispondo de breves minutos e acanhadíssimo espaço, além da imperiosidade em não retardar este número da *Revista*, já atrasado, tenho de cingir-me a um sentido cumprimento de gratidão para com todos os escritores e para aquelas casas editoras que se têm dignado de ofertar os seus livros para a Biblioteca da *Sociedade Martins Sarmento*. Como o previra, e não sei mesmo se confessara, há que pautar em novos moldes a organização deste Boletim, modestamente preenchido té-agora por um simples e velho leitor, impenitente maniaco da leitura, apenas com o gosto apurado no seu uso, mas sem as condições exigidas actualmente ao exercício difícil da crítica, sempre boa quando boa conselheira, estimulante mesmo quando sincera no entusiasmo ou no aponto do defeito, e útil, sendo austera e comedida, como guia do público, muito falho, nesta parte, de quem honestamente o auxilie. Parece-me indicado, à semelhança do que se faz lá fora e se tem seguido em algumas revistas portuguesas, que se repartam as especialidades pelo estudo dos peritos. Maior variedade e maior precisão, leitura mais agradável e mais profícua. Lentamente o nosso apêlo, que fizéramos, tem sido ouvido pelos nossos publicistas e pouco a pouco vão chegando obras dignas não só de demorada atenção como de particular e cuidado registo. Nem de outra forma, hoje, é possível actualizar uma biblioteca, vivendo, como a nossa, pobrezinha sem dote — que não é senão vanglória o título de municipal, a-par da constituindo o fundo da própria *Sociedade* — e sem decreto do Estado que lhe encarreire os livros para a estante. Cumpre-nos corresponder, mostrando que a semente caiu em bom terreno: e com

isso lucrará também a *Revista*. Os constantes pedidos da colecção completa, que temos recebido tanto do país como do estrangeiro, provam o alto aprêço em que é tida a sua obra, importante no estudo da pre-história, da história, da etnografia, que bem merece e se con-digna a certas permutas, a que só um mercantilismo vêsgo, e raramente, se esquivava.

*

Não posso, embora assim, despedir-me da obrigação de algumas ligeiras referências muito especiais e muito especiais porque se ligam à minha terra. Vivo na consciência, e talvez um pouco no orgulho, da minha obscuridade — não tentarei sequer definir o encanto, a lição que me deu a leitura do trabalho do Ex.^{mo} Sr. *Dr. Jaime de Magalhães Lima* sobre — *Alberto Sampaio e o significado dos seus estudos na interpretação da História Nacional* — (Ed. da Soc. Mart. Sarmento, 1924). O espírito do filósofo, que se encanta nas maravilhas da natureza e perscrutou o coração simples do trabalhador — o bom homem do povo, cavador e lírico; a alma do poeta, admirável na sua elevação para toda a pureza da luz, que é a verdade e a justiça; o coração do homem forte na honra, no bem, na generosidade santa, aliaram-se, pintando, com raro vigor, a psicologia de um dos estudiosos que mais honram as letras portuguesas, seguindo, com minucioso e não fatigante escrúpulo, os altos e profundos ensinamentos da sua obra, tracejando, em formosa e eloquente síntese, o quadro primitivo da nossa história, bem nossa porque é do nosso povo, e descrevendo o novo alcance do extenuantíssimo labor, já agora firmado e norteador aqueles que se dedicam ao conhecimento íntimo da gente portuguesa. Não: eu aqui tenho apenas de me curvar como quem acaba de receber, num ritmo de luz, a bênção patriarcal. Não confio só à fragilidade da memória ideias e factos não vulgarmente apontados e de que uma superior inteligência soube induzir «uma notável mudança na vida histórica»; quero e agasalho no coração a galharda probidade moral de quem, honrando a memória de um morto querido, ergue, com o exemplo e lição de sua obra, um cântico de amor à

pátria e ao seu povo, sem in verdade e sem lisonja, sim castigando a mentira e a subalternidade da história, forjada no desprezo ultrajoso do povo, que a viveu em sua alma, a chorou em suas lágrimas, a ungiu com o próprio sangue, que é a dor das suas dores, a alegria das suas alegrias, a esperança das suas esperanças, a



DR. JAIME DE MAGALHÃES LIMA

vitória da sua força e só é anarquia, derrota, baixeza, pântano quando dele se afasta e o esquece, sob qualquer forma de tirania.

«Esta é a pátria que o espírito e o coração de Alberto Sampaio habitaram; esta é a pátria que ele contemplou e serviu. E esta é a pátria que entre a

claridade dos troféus de nobreza que a enaltecem recebe e guarda a memória de Alberto Sampaio.»

E porque o senti e estudei, e porque muitas noites leve consumidas na obra magistral de Alberto Sampaio,



DR. ALBERTO SAMPAIO

tenho para mim — que importa a obscuridade? — que não é estudante atento da história pátria quem, não aprofundando aquela, não recolheu o seu espírito nas conclusões que dela arrebatou, com poder supremo de visão, o alevantado espírito de filósofo e de poeta que

é o Dr. Jaime de Magalhães Lima. Que a sua bondade me perdoe o gaguejar comovido dêste meu humilíssimo agradecimento.

*

Em homenagem à memória do Dr. Bráulio Caldas, que foi um advogado dos humildes, cheio de bondade e de inteligência, notável, «inspirado Poeta das *Andorinhas Mansas*, e de Alvaro Casimiro, prezado, saudossíssimo amigo, «que era o riso franco, a alegria comunicativa, a mocidade bondosa e jovial» e como «prova de sincera estima aos velhos estudantes de 1895, que fizeram ressurgir as tradicionais festas dos estudantes de Guimarães», publicou o Ex.^{mo} P.^e Gaspar Roriz o — *Auto da Saudade* (Comp. e imp. na Tip. Minerva Vimaranense — 1924), episódio em verso representado, em noite memorável de evocação, no Teatro D. Afonso Henriques, a 8-Dezembro-1920, comemorando as Bodas de Prata da restauração das Festas Nicolinas, sendo intérpretes os velhos estudantes, Ex.^{mos} Srs. Jerónimo Ribeiro da Costa Sampaio, Alvaro Machado da Silva Ferreira Oliveira, Carlos Abreu, José de Sousa Roriz e Francisco de Matos Chaves.

Quando eu, de Coimbra, cheguei a Guimarães com minha inútil carta de bacharel em leis e minhas vagas idealizações (velho chavão, muito aqui de meter como próprio) era o P.^e Roriz um nome feito na oratória e no jornalismo. Tinha conquistado no meio sempre refractário aos seus valores — santos-da-casa..., um legítimo destaque pela sua eloquência, fulgor e espontaneidade de palavra, boa apresentação, voz timbrada, afável e simpático, pela graça natural, pela sóbria dignidade e vivo entusiasmo da sua prosa limpa, muito ao serviço da sua terra, que estremece, por quem denodadamente se bate e lhe deve serviços dos melhores. Respeitavam-no e admiravam-no todos, merecidamente, e aquele engulho de moço desconfiado das glórias feitas, muito no ânimo da minha geração, não tardou em condizer com a voz pública, reconhecendo-o como de altos e comprovados méritos, logo aos primeiros ensaios de o ouvir e ler. Guardo em boa gratidão que, indo a trautear minha pressa de galhar, na veneta do

advogado chamando à banca o clientezinho, por aqui e além, nem ensaiado nem preparado, P.^e Roriz não corrigiu minha embófia, antes me tratou com a mais bonômica e deferente gentileza e daí sempre me penhorou com nobilíssima amizade. Felizmente, hoje, não carece êle de meus aplausos, pois havia de dizer-se que, despenado de autoridade, querendo agradecer-lhe o bem com o bem — se aquele seu bem não foi mal por não me haver castigado — lho retorquia em... moeda depreciada. O seu atilado espírito, ainda vibrando de mocidade no entusiasmo pelas grandezas da sua terra, alcançou justo conceito tanto na oratória sagrada, de que é um dos mais ilustres ornamentos, como se demonstrou no jornalismo e na poesia, honrando-o como filho ilustre de Guimarães.

*

Quero ainda pôr o meu agradecimento em três livros. Luís de Pina no — *Alecrim de Festa* (Comp. e imp. na Tip. Gonçalves, Rua do Almada, 348 — Pôrto, 1924) afirma-se um poeta. Gosto muito da frescura do seu verso, da naturalidade da sua emoção, do popular dos seus temas. Escolheu um dos melhores, e menos fáceis, rumos da poesia, casou com graça, lirismo, ternura, encanto dos olhos e da alma, a intenção e a forma, a inspiração e o verso. Venceu. *Guilherme de Faria* — *Sombra* (Lisboa — MCMXXIV) — revela inclinação. Há ungimento de tristeza elegíaca, a dor psicológica da gente moça que, no seu pequeno livro, não é postiça mas sentida. Envolve-se de sombra, interroga o enigma do futuro e estranha as duras asperezas da vida, talvez porque ainda lhe não despontou o sol do amor. Tem expressões felizes e por vezes, no quebrar do ritmo, um doce lirismo espontâneo, perfumado de arte. Mal pude folhear o livro de *Arnaldo Bezerra de Azevedo* — *Névoas da Madrugada* (Companhia Editora do Minho, Barcelos — 1924). Abro sempre com respeito e interesse um livro de estreia e lembro-me de que muitos, recebidos acremente pela crítica, marcaram como superiores no seu tempo. Neste, há emoção ingénua e por isso sincera. Não sei se virá a ser um grande poeta — mas vislumbro-lhe boas qualidades de literato.

*

Entre os livros de que tencionava ocupar-me, porque muito me prenderam a atenção e são dignos do estudo da crítica, aponto aos cuidados do leitor o de *Agostinho de Campos — Ler & Tresler* — «apontamentos de linguagem e de literatura» — (Livrarias Aillaud e Bertrand, Lisboa — 1924), onde marcam o valor mental e moral do eminente professor os capítulos referentes à «Conversão e morte de Junqueiro», «As Três Prosas» e os estudos sôbre Camões; de *Joaquim Costa — Recordar é viver* (Lelo & Irmão, Pôrto — 1924), elevação de pensamento, profundidade filosófica, elegância rara de prosa, notáveis qualidades de observação psicológica, de intimidade afectiva, de ritmo verbal, de síntese e cultura; *Emanuel Ribeiro — Fumo da Lareira* (Tip. Sequeira, L.^{da}, R. de José Falcão, 114-122 — Pôrto, 1924), versos de um suave enternecimento pelas coisas rústicas, de forte beleza, firmando os créditos literários do já distinto publicista; *Alberto Souto — Apontamentos sôbre a Geografia da Beira Litoral — I — Origens da Ria de Aveiro* (Livraria João Vieira da Cunha, Aveiro — 1923), trabalho excelente e profundo que honra o espírito inteligente e ilustrado do seu autor, meu muito prezado amigo; o do sábio professor *J. J. Nunes — Nomes de Pessoas na Toponímia Portuguesa* (Imprensa da Universidade, Coimbra — 1921), valioso trabalho que denota a extensa e profunda cultura do mestre insigne... E trago ainda em leitura o tam discutido livro de *António Sérgio*, brilhante e arrojado talento — *O Desejado* — (Livrarias Aillaud e Bertrand, Lisboa — 1924) que prende o interêsse e demanda atenção e critério como compilação notável de testemunhos históricos, e o de *Cláudio Basto — Foi Eça de Queirós um plagiador?* — (Ed. da Maranus, Rua dos Mártires da Liberdade, 178, Pôrto — 1924), de que apenas vi algumas linhas e a que não deixarei de voltar.

EDUARDO D'ALMEIDA.